



TODOS UNIDOS CONTRA A GUERRA E O FASCISMO!

O fascismo intensifica, dia a dia, a sua feroz ofensiva contra o povo português, reforça a intervenção em Espanha e prepara-se activamente para a guerra ao serviço da Alemanha e da Itália. As eleições que o fascismo vai fazer são uma manobra destinada a desviar as atenções do povo daqueles problemas e da luta que ele, cada vez mais energicamente, move pela sua libertação. Participando activamente nas eleições, o povo português deve reforçar ao mesmo tempo o movimento de Frente Popular de luta contra a ofensiva do capital, contra a intervenção em Espanha, contra a guerra e contra o fascismo.

O fascismo, esse monstro abominável que tem reduzido o nosso país à miséria e à escravidão e se prepara para levá-lo à guerra e à catástrofe — não mostra nunca a sua cara hedionda.

Sabe que o povo o odeia. Por isso, disfarça-se cobrindo-se com falsas roupas.

Sendo a ditadura feroz do grande Capital, o fascismo berra nos comícios contra o Capitalismo.

Sendo o inimigo implacável das liberdades populares, o fascismo escreve nos falsos jornais ilegais que distribui aos operários: «ABAIXO O FASCISMO! VIVAM AS LIBERDADES DEMOCRÁTICAS!»

O fascismo é como o camaleão — esconde a sua própria personalidade para melhor enganar o povo.

As eleições que o fascismo prepara são orientadas por estes mesmos princípios da tática fascista.

O fascismo faz as eleições para poder afirmar que a Ditadura acabou (ele sabe quanto ela é odiada) e que se vai entrar numa época de legalidade constitucional.

Mas, na realidade, o fascismo não tem a mínima intenção de deixar de ser a ditadura terrorista do grande Capital, nem de permitir que o povo trabalhador participe na administração política do país.

Em primeiro lugar, porque as eleições não se estendem aos principais órgãos da administração pública. O voto limita-se a escolher, apenas, os membros das Juntas de Freguesia.

Os restantes órgãos administrativos, tais como os municípios — antigos baluartes das liberdades populares — estão hoje reduzidos a meros instrumentos do governo fascista que escolhe os seus membros, consoante as suas conveniências, dentre os grandes capitalistas do Concelho, os representantes das corporações fascistas que, afinal, vêm a ter por chefe um indivíduo nomeado pelo próprio governo: o Presidente da Câmara Municipal.

Mas, apesar de serem limitadas às Juntas de Freguesia, as eleições não passam duma autêntica burla, como a própria lei eleitoral o denuncia.

O direito de votar e ser eleito — reconhecido pelas democracias aos cidadãos de maior idade — foi limitado aos chefes de família.

Tudo está previsto para que as pessoas suspeitas de poderem agir independentemente sejam afastadas do acto eleitoral, sob a acusação de «professarem idéas contrárias à disciplina social» (art.º 6.º da lei eleitoral).

Não existe a mais pequena liberdade de propaganda e o fascismo, refinando todas as formas de caciquismo conhecidas até aqui, exerce despois já as maiores coacções com o intuito de tornar todo o corpo eleitoral num grande rebanho dócil e submisso à sua vontade. A imprensa fascista diz abertamente que «é preciso fazer vingar em toda a linha o pensamento do governo» (Diário da manhã).

O fascismo prepara-se para apresentar, desta maneira, mais uma farsa cínica e revoltante como foi a eleição do Carmona e da chamada «Assembleia Nacional».

Mas, cogido pela necessidade de não se desmascarar perante as massas, as quais se manifestam, cada vez mais fortemente, as aspirações democráticas — e para poder exibir no estrangeiro um novo cartaz espalhafatoso de propaganda, o fascismo é obrigado a deixar ao povo umas certas possibilidades de participação no acto eleitoral para as Juntas de Freguesia. Segundo a lei recentemente publicada, «CINCO ELEITORES IN-CRITOS NO RE-ENSENAMENTO ELEITORAL PODER O FAZER A APRESENTAÇÃO DUMA LISTA DE CANDIDATOS PARA OS CARGOS DAS JUNTAS DE FREGUESIA».

O fascismo deixa estas possibilidades, escudando-se na tradição abstencionista que existe entre nós e supondo por isso que o povo trabalhador deixará por em prática as suas manobras sem opor qualquer obstáculo.

Compete ao povo português deitar por terra, ou prejudicar ao máximo, esses projetos do fascismo.

Como agir nestas circunstâncias? O fascismo apresentará, em toda a parte, listas compostas pelos elementos mais reaccionários, por gente da União Nacional e da Legião Portuguesa, das Federações agrícolas e dos Consórcios, enfim por fascistas declarados ou pelos seus homens de confiança. Esses

homens serão nas Juntas de Fre-

guesia os instrumentos da política fascista — que é a política de exploração do pequeno pelo grande, a política do roubo e das perseguições.

NEM UM ÚNICO DÊSSES INIMIGOS DO POVO DEVE SER VOTADO PELOS TRABALHADORES!

Mas isso não significa que o povo se abstenha de votar. As listas fascistas serão, segundo a lei, aprovadas mesmo que tenham recebido um número restrito de votos.

A ÚNICA MANEIRA DE DERROTAR A LISTA FASCISTA CONSISTE EM FAZER APROVAR UMA LISTA DE CANDIDATOS PROPOSTOS REALMENTE PELO POVO.

Para isso é indispensável que em cada freguesia um grupo de cinco eleitores — livres de toda a suspeita — apresente uma lista composta por seis candidatos (conforme a lei eleitoral estabeleceu) pessoas honestas e que mereçam a confiança da maioria da população laboriosa da freguesia. Essa é a lista na qual devem votar todos aqueles que não estão dispostos a colaborar com o fascismo.

Se os trabalhadores conseguirem — apesar dos esforços que o fascismo fará em contrário — eleger os seus próprios representantes para as Juntas de Freguesia, isso será um grande triunfo. Primeiro porque uma tal vitória para o povo trabalhador representará uma derrota parcial do fascismo. E em segundo lugar porque as Juntas de Freguesia, apesar das suas funções muito restritas, oferecem um importante campo de acção legal, por intermédio do qual será possível mobilizar as massas para a defesa dos seus interesses.

Um tal triunfo é possível conseguir-se em vários pontos do país, se os anti-fascistas, em primeiro lugar, e todo o povo laborioso em geral meterem ombros à empresa com todo o entusiasmo e decisão.

É certo que o fascismo esforçar-se-á por invalidar as listas que não forem apresentadas pelos seus agentes e conseguiu-lo — onde não choque com uma acção potente de massas; mas isso não reforçará a sua posição — isso só cavará mais profundamente ainda a desconfiança do povo em relação a

toda a política fascista e ateará a indignação e a revolta que arde no peito de cada trabalhador. Mas nem mesmo nesse caso se deve desistir de prosseguir a luta.

Onde, por dificuldades varias, ou pela obstrução do fascismo, for impossível apresentar listas legais, deve votar-se com boletins de voto preenchidos com o nome das pessoas que o povo considere como seus verdadeiros representantes, capazes de defenderem os seus interesses e as suas liberdades. Nas grande cidades, principalmente, onde o fascismo porá tudo em jogo para impedir que os trabalhadores apresentem listas de candidatos, os eleitores devem votar em listas de Frente Popular, inscrevendo nos seus boletins de voto o nome de comunistas, republicanos, etc., que se encontrem presos ou perseguidos.

Essas listas não serão aprovadas, mas exprimirão a vontade do povo, porque cada lista inutilizada valerá, aos olhos de toda a gente, por um voto de Frente Popular contra o fascismo.

ANTI-FASCISTAS, POVO LABORIOSO DE PORTUGAL! UNI-VOS E VOTAI EM BLOCO CONTRA O FASCISMO!

Organizai em toda a parte a luta de massas pela defesa dos nossos interesses económicos e pelas liberdades democráticas!

Criai e reforçai em todo o país a luta de massas pelo Pão, pela Paz, pela Liberdade, pela Independência de Portugal!

TORNAI A VOSSA ACCAO ELEITORAL UMA PARTE DE TODA A LUTA DO POVO PORTUGUÊS:

Contra a ofensiva do Capital

Contra o fascismo assassino

Contra a Legião Portuguesa

Contra a preparação da guerra civil e contra o seu principal instrumento — a Legião Portuguesa

Contra a intervenção em Espanha

Contra a guerra

ABAIXO O FASCISMO!

VIVA A FRENTE POPULAR!

Os pescadores algarvios são miseravelmente roubados

A vida dos pescadores é das mais angustiosas dos trabalhadores portugueses, a quem a pata férrea do fascismo tenta esmagar, através dos exportadores de conservas.

O consórcio das conservas, quando se constituiu, estabeleceu um preço mínimo para a exportação. Tudo fazia prever que os preços na lota melhorariam de harmonia com o das conservas. Isso não se fez porque não convinha aos ricos conserveiros exportadores, que compram a sardinha a 20\$00 o milheiro quando a deviam comprar a 40\$00, o que faz arrastar os preços, levando milhares de famílias para a miséria.

São muitos milhares de famílias as vítimas dessa política da pesca, que é orientada pelo engenheiro Kamires, ainda há pouco tempo ministro do comércio e um dos mais ricos conserveiros algarvios.

As primeiras dessas vítimas são as 1700 famílias dos pescadores dos cercos. Com um salário que não excede 2\$00 diários, têm além disso uma percentagem que vai de 1\$30 a 1\$85 por cada mil escudos de pesca bruta. Quanto mais alto for o preço da sardinha na lota, maior a percentagem que recebem. Foi por isso que o Consórcio não estabeleceu, como estava determinado, esse preço, e dessa ganância ficaram prejudicados:

1º—O Estado que é defraudado no imposto que recebe, que é proporcional ao valor do peixe na lota.

2º—Os armadores, que recebem metade do que podiam receber, ficam no fim da safra quase inutilizados para a safra seguinte.

3º—As maiores vítimas de todos esses jogos de interesses: os pescadores. Se o preço subisse as percentagens seriam muito maiores.

Se o Consórcio estabeleceu o preço mínimo atribuído para as conservas de exportação, porque não seguiu o mesmo critério para a sardinha na lota? Porque era necessário enriquecer depressa os exportadores à custa dos armadores e dos pescadores.

Os pescadores da Caparica condenados á miséria

Do norte ao sul do país, a vida dos trabalhadores do mar é aflitíssima. Não se sabe onde é pior. Os grandes capitalistas do pescador, monopolizando as costas, tornam impossível a vida dos pescadores.

Na Costa da Caparica encontram-se na maior miséria cerca de 2000 pescadores. A pesca aqui é exercida em pequenos barcos com rédes de arrasto. Em tempos não muito longínquos, havia um certo limite em que podiam pescar os barcos a vapor, mas a ditadura acabou com essa limitação, e eles hoje fazem uma matança tal, que não nos deixam nenhuma possibilidade de viver. Os pescadores das companhias recebem 10% do produto dum a faina que vai do pôr do sol até à manhã seguinte. Quando os buques e galeões das grandes companhias tinham limites para pescar, era vulgar recebermos 10\$00 pois o valor do pescado andava normalmente á roda de 1.0.0\$00. Agora, a maioria das vezes que vamos ao mar, mal recolhemos 200\$00

"IMPERIO COLONIAL", IMPERIO DA FOME

A vida dos brancos nesta malfadada terra africana que se chama Angola, é quasi tão miserável como a dos indígenas. Tanto os trabalhadores—brancos e pretos—como a classe média, estão reduzidos ás mais miseráveis condições sociais. Os próprios funcionários do Estado—que viviam regularmente até á vinda aqui do já célebre Armindo Monteiro, então ministro das Colónias—passou a ser aflitiva. Fizeram reduções de 20, 30 e 50 por cento nos vencimentos dos pequenos funcionários, o que ajudou a arruinar o pequeno comércio, que vive fundamentalmente deles.

Tôdas as manifestações de miséria da Metrópole já aqui chegaram. Em Loanda, capital deste «império da fome», já existe a sopa dos pobres e já há centenas e centenas de pessoas vivendo de esmolas.

A assistência médica é um mito. Há barracas, a que dão o nome de hospitais, que são verdadeiros antros de imundície. Tudo falta: o médico e o enfermeiro aparecem quando calha. Faltam camas, roupas, comida, medicamentos e até, por vezes, o indispensável quinino.

Os salários e os ordenados são deficientíssimos para o custo da vida. No interior, os pretos não chegam a ganhar u u angolal por dia, trabalhando desde que desponta a aurora até ao pôr do sol. No litoral, ganham entre 2 e 4 angolares na carga e descarga dos navios, trabalhando 12, 18, 20 e mais horas sem cessar, sob as ordens de mandões brancos, acompanhadas muitas vezes por bofetadas, pontapés e cacetadas. A tudo isto se sujeitam para pagar ao fisco—que não perdoa—o imposto indígena de 92 angolares por cabeça.

A vida dos trabalhadores brancos não difere muito da dos negros. A situação dos poveiros, em Mossamedes, é aflitiva. Recebem em troca do seu árduo trabalho, em vez de dinheiro, bônus de papel das companhias de pesca e conserva que trocam por géneros nas casas comerciais que têm contas corrente com estas companhias e que vêem naquela forma de transaccionar, mais um meio de exploração.

Quando faltam os mercados para a colocação das conservas, ninguém quer aceitar os bônus, ficando os poveiros à mercê da indigência. Há, em Mossamedes, brancos vivendo em cavernas!

A Igreja ajuda o desenvolvimento desta miséria. Não paga áqueles que trabalham para ela e ainda por cima faz transaccões infames. Vende-se aqui um litro de água-benta por um angolal!

Pela exportação permanente da mão de obra indígena, vão aclimatando os brancos aos mais rudes trabalhos, dando-lhes as mesmas condições de vida que dão ao negro. Já há brancos a viver em choças, esquecidos inteiramente da civilização e comendo fuba como os negros.

Contudo, a perseguição á raça de cor é aviltante. Aos pretos é dificultada a entrada nos liceus, e os que conseguem frequentá-los não podem ter nas diferentes disciplinas notas superiores aos brancos, mesmo que sejam mais inteligentes e saibam mais!

Brancos de Angola! A vossa situação miserável já vos demonstrou, mais do que todos os falsos preconceitos, que há mais afinidade de interesse entre vós e os negros, do que entre vós e os vossos exploradores brancos.

Uni-vos aos negros, esclarecei-os e lutai juntos para a defesa dos vossos interesses!

Combatei unidos os vossos exploradores!

OS MINEIROS PORTUGUESES MORREM TODOS JOVENS

O trabalho dos mineiros é dos mais arduos de todos os trabalhadores. E por isso que o horário de trabalho nas minas deve ser sempre menor do que qualquer outro, e se deve dar aos mineiros meios de defesa para a sua saúde e salários compensadores para o perigo permanente em que vivem.

Em Portugal não acontece nada disso. Depois dos mineiros negros da África do Sul, são os mineiros portugueses os mais mal pagos de todo o mundo!

Nas minas de Tarouca (Varzea da Serra) os salários são: mideiro 7\$30; ajudante 7\$00; escumbrino 5\$00; pincho 2\$00. Nos trabalhos de lavaria as mulheres ganham 2\$50.

Os mineiros trabalham durante 4 horas seguidas com os martelos de ar comprimido, debaixo de uma densa camada de poeira de sílica que provoca uma grave doença, a silicose, a «tuberculose negra» dos mineiros. Só na mina da Borralha, a geração de jovens que aí trabalhou durante a guerra, já morreu toda com a silicose. E trabalhase nesta mina 8 horas e meia por dia, apenas com meia hora de intervalo para o almoço.

Camaradas! Organizemo-nos para lutar:
Por um salário mínimo com que se possa viver;
Por melhoria de alojamento;
Por máscaras para os que trabalham com os martelos de ar comprimido e com os martelos de injeção de água.
Só assim podemos defender as nossas vidas e lutar contra a tuberculose negra das minas de carvão.

do pescado, que nos dá uma jornada de 2\$00.

E necessário que se torne a lutar a área em que os barcos a vapor possam pescar, sem prejuízo dos milhares de pescadores que vivem das companhias pobres. Pescadores!

Que a vossa coragem não sirva apenas para enfrentar o mar, onde muitas vezes vos quedais para sempre. É necessário a vossa união, imediatamente, para exigir dos poderes públicos a regalia que vos roubaram.

Pequenos produtores de vinho, alerta!

A Federação dos Vinicultores do Centro e Sul de Portugal acaba de mudar de nome. Pelos ódios que suscitou, pela exploração que fez aos pequenos produtores, pelas suas vergonhosas e bem conhecidas negociatas, já não podia viver. Mas como era necessário que a exploração dos pequenos camponeses continuasse e até se intensificasse, mascararam-na com outro nome. Agora chama-se «Junta Nacional do Vinho». Nada traz de novo sobre a antiga Federação a não ser ter alargado as possibilidades da exploração. Até o próprio pessoal directivo ficou o mesmo.

É necessário estar alerta para a combater com energia, mas logo de entrada. E preciso aproveitar a experiência passada, rica de ensinamentos.

Quando fundaram a Federação, extorquiram aos pequenos camponeses 18% da produção total, que formaria o que eles chamavam o «fundo social da Federação». Foi uma roualhreira miserável, porque exigiram aos pequenos a mesma percentagem do que aos ricos, que eram os únicos que tinham a lutar com a Federação.

Mas não pararam aqui. Sob o pretexto da fiscalização da qualidade do vinho, inutilizaram adega inteiras de pequenos produtores, deitando cal em vinho bom, ao mesmo tempo que os grandes proprietários falsificavam vinhos, fabricando-os com produtos químicos, vinhos que a Federação comprava por bom preço. A própria Federação os tem falsificado, na sede dum grémio muito próximo de Lisboa.

O primeiro período da Federação caracterizou-se pelo anichamento de todos os desempregados da U. Nacional, num extenso quadro burocrático, «montagem do aparelho», como o sr. Galrão lhe chamou e em que dispendeu a verba fabulosa de 80 mil contos. O escândalo foi tão grande que para o abafarem tiveram que chamar nova direcção. Esta continuou a política da anterior, lançando hábilmente novos impostos de maneira que só os pequenos pagassem.

A onda de revolta foi subindo. Os protestos sucederam-se, chegando os camponeses a assaltar as sedes dos Grémios. Ainda está na memória de muita gente a revolta de A-Jos-Cunhados que o «Avante» de Maio de 1935 noticiou.

E' para continuar esta política do vinho que foi reformada a Federação. E' para continuar a explorar os pequenos camponeses que foi criada a Junta Nacional do Vinho.

A antiga Federação de tudo deixava mão para o «fundo social». Apesar de ter dito que esse fundo ser constituído apenas pela percentagem paga, a dos 18%, ele nunca parou. Mudam-lhe o nome só para voltarem a criar um novo «fundo».

Ao antigo fundo social chamam agora «fundo corporativo». A roualhreira continua. Tornam a exigir mais

502 por litro de vinho produzido pelos vinicultores. Basta de exploração! Que paguem os ricos vinicultores, que foram eles os únicos que ganharam com a existência da antiga Federação e de todas as «federações» que o fascismo criou.

Continua na 4.ª página

O terrorismo método de provo- cação policial

O processo de provocar atentados terroristas para desencadear em seguida uma repressão desenfreada contra os comunistas e contra o povo em geral, não é novo. A mais edificante provocação desta natureza foi a levada a efeito pelos fascistas alemães, com o incêndio do Reichstag.

Em princípios de 1933, Hitler, para justificar o terror feroz com que assolou toda a Alemanha, mandou incendiar o palácio do Parlamento alemão. Para fazer crer que se tratava dum atentado autêntico e para atribuir as responsabilidades ao Partido Comunista, o fascismo fez prender o seu cúmplice, Van der Lübe, e juntamente com ele vários comunistas que não tinham tido nenhuma relação com o caso. No célebre processo de Leipzig, o comunista Dimitroff — atualmente Secretário Geral da Internacional Comunista — demonstrou que o incêndio fora preparado pelo próprio fascismo. O fascismo foi desmascarado mas não deixou por isso de cortar a cabeça ao seu cúmplice para que ele jamais pudesse revelar a verdade que, de resto, ficou bem à mostra.

O fascismo português usa os mesmos métodos de provocação mas com algumas variantes. Esses consistem em atrair à organização terrorista — constituída inicialmente pela polícia — alguns elementos filiados em organizações revolucionárias. A polícia serve-se para isso da debilidade política desses elementos que, erradamente, julgam ver no terrorismo uma tática revolucionária. É claro que a apologia destes atos, que tem sido feita por alguns jornais ilegais, bastante facilita esta acção da polícia.

A organização terrorista, a criação de milícias armadas, etc. etc. é o terreno mais propício à provocação. Por isso o Partido Comunista põe todos os camaradas alerta contra semelhantes métodos de provocação da polícia.

É inteiramente compreensível o motivo por que a polícia organiza estes grupos terroristas e estas milícias armadas:

1.º — Para a prática de atos terroristas que justificam o terror e unificam as forças da burguesia numa frente comum contra os trabalhadores.

2.º — porque o terrorismo, as milícias, etc., (a criação de milícias é justa quando haja uma situação revolucionária em que a insurreição armada se coloca como uma palavra de ordem prática imediata) afastam as massas da luta diária — que é o que teme o fascismo — e afasta os revolucionários da atividade prática. Na realidade, uma pessoa que esteja ligada a uma organização terrorista não se mete em mais nada, para não se comprometer. É o que quer o fascismo, é que os elementos revolucionários não desenvolvam atividade de massas. Além disso, o fascismo, procurando criar, com o auxílio dos seus agentes, grupos terroristas, procura cavar divergências no seio do Partido Comunista — onde o terrorismo é combatido — para o enfraquecer, julgando livrar-se assim do seu mais

Tribuna livre

OS TRABALHADORES DISCUTEM E APROVAM A LINHA DO PARTIDO COMUNISTA

Recebemos de um grupo de ferroviários anti-fascistas a seguinte carta, que publicamos em primeiro lugar porque foca um assunto de bastante atualidade e em segundo lugar com o intuito de estimularmos a discussão pelos trabalhadores da linha política do Partido Comunista e dos problemas políticos palpitantes.

Pedimos aos trabalhadores que discutam todos os aspectos da nossa linha política e da nossa tática e nos enderecem as suas opiniões e críticas.

Ao nossas colunas estão à disposição de todos os trabalhadores, sejam ou não membros do Partido, para tratarem de assuntos que interessem à classe operária e ao movimento anti-fascista.

Aos camaradas do «Avante»

É com bastante atenção e desgosto que a classe ferroviária tem acompanhado o desenrolar dos últimos acontecimentos que dentro do campo revolucionário só contribuíram para prejudicar a causa da União do Proletariado que o P.C.P. e a Comissão Inter-Sindical, nas colunas do «Avante», têm defendido e tantos esforços tem dispendido para conseguir-lo.

A classe ferroviária é uma das maiores classes operárias de Portugal, mas é uma classe onde, por várias razões que vêm de longe, existem as mais diferentes ideologias políticas. Pela sua desunião, os ferroviários têm sofrido os maiores vexames e perseguições do fascismo sem terem conseguido levar a efeito um protesto em massa contra as arbitrariedades de que diariamente somos vítimas.

Por isso aqueles ferroviários em cujo peito arde a chama da revolta contra a miséria e o opróbrio e que empregam todos os esforços possíveis para que a classe vá sempre reagindo contra o chicote da Companhia e a pata do fascismo têm conseguido aperceber-se — por meio de toda a vossa propaganda clandestina; pelas notícias que os jornais fascistas nos dão dos resultados da União Sindical e da Frente Popular em França; e pelas lições que devemos tirar da Guerra de Espanha, — que só uma verdadeira União Sindical e uma forte Frente Popular, poderá derrubar o regime de opressão e terror que impera em Portugal. Nós esperávamos que todos pensassem assim e a União se fizesse no mais curto espaço de tempo. Nós esperávamos que todas as organizações operárias revolucionárias estivessem dispostas a defender os interesses dos operários e do povo em geral, sem quaisquer subterfúgios nem rodeios políticos e que essa União fôsse um facto.

Mas, infelizmente, tal não aconteceu, porque é precisamente a organização que mais diz defender os interesses operários, que se tem empenhado a procurar todos os argumentos — ainda os mais insignificantes — para empatar o bom andamento dos trabalhos para a realização da mesma União.

É contra estes empatas que nós queremos protestar e conosco está toda a classe e com a classe está todo o povo trabalhador — temos disso a firme convicção.

Não é somente fazendo a apologia dos nossos credos políticos que se defende os interesses do proletariado. Não é a publicar notícias facciosas, como as do célebre número do «A Batalha» de Julho, que se cria confiança nas massas. Não é a caluniar os homens que estão à frente do heróico povo espanhol que se prova que devemos auxiliar a Espanha anti-fascista. Enfim, não é prôgando a desunião que se faz a revolução; e não é a combater os que se batem pela liberdade do povo que se criam os paladinos da mesma liberdade.

Porque não se unem esses camaradas às outras organizações anti-fascistas, para defender os interesses dos trabalhadores e para derrubar sem demora esse monstro que nos está sugando todo o sangue e assassinando os nossos melhores lutadores pela causa do proletariado? Não será isso defender os interesses dos operários? ... Guardem para melhor oportunidade a propaganda dos seus princípios doutrinares — de que nós os ferroviários e o povo já temos a experiência — e coloquem-se franca e lealmente ao serviço da causa do povo escravizado e para derrubar o fascismo!

Tal é a vontade dos ferroviários e tal é a opinião que formamos depois de termos acompanhado as vossas concretas razões expostas nas colunas do «Avante» e de termos lido e estudado o célebre «A Batalha» de Julho, aonde não conseguimos encontrar a mais pequena referência construtiva e concreta para que se ponha fim, sem demora, à dolorosa situação em que se encontra o povo português, principalmente o operariado. Apenas encontramos o ódio e o rançar a querer semear a desconfiança e a desunião e não a defesa de tão apregoadas liberdade e interesses políticos.

Avante, pois, camaradas! Não desanimem um só momento; prossegui no caminho que traçastes para conseguir a pesada tarefa de organizar uma forte união de todos os anti-fascistas numa bem organizada FRENTE OPULAR e de unir todos os operários em volta de uma C.G.T. que não tenha outro fim e orientação que não seja defender os interesses dos operários e contribuir para derrubar o fascismo sem servir para fazer a mais pequena propaganda deste ou daquele credo político — desde que essa propaganda prejudique a união. E quando nós, os operários, pegarmos no órgão da C.G.T. para lermos, que apenas aí encontrarmos, de forma bem clara, a nossa orientação bem definida e a defesa dos nossos interesses bem firme e ativa. E não um fraseado que mais parece um jornalismo de carteira de que os operários estão fatigados.

Avante, pois, camaradas! A legião que trabalha tem em vós a me-

Continua na página 4

Portugal já é uma colónia alemã

É preciso que nos convençamos, muito seriamente, que Portugal está em grave risco de se transformar numa colónia alemã. Imensos casos que o «Avante» tem informado chegarão para convencer os mais céticos. E as provas morais, então, não têm conta.

Quando dos últimos combates de luta do «Catch» na Praça do Campo Pequeno, a Empresa conhecendo bem o meio em que vive, e desejando agradar aos governantes que é como quem diz, aos alemães, publicou nos jornais anúncios em alemão.

Mas agora não se trata apenas de provas morais. Não se trata sequer dos oficiais alemães, que com o título de instrutores, dirigem a nossa aviação; não se trata das 100 mil espingardas que estão chegando da Alemanha, e cuja primeira remessa de 5000 foram distribuídas do dia 29 pelos quartéis — infantaria 1, caçadores 5 e 7, metralhadoras 1 — trata-se dum assunto mais grave, que está interessando a imprensa inglesa.

Explicamos: A Guiné Portuguesa fica situada na zona mais ocidental da África e tem uma parte insular formada pelo arquipélago de Bijagoz. É um ponto estratégico formidável porque aproxima extraordinariamente a África da América.

Pois foi uma ilha dessa arquipélago que Salazar entregou a uma companhia alemã, sob o disfarce de exploração de óleo de palma!

Mas os franceses que viram neste um perigo para eles porque o seu porto de Dakar fica ameaçado, denunciaram o «negócio» e nós ficamos sabendo que os alemães estão aí preparando uma base aérea que, de colaboração com a que têm nas Canárias, que os fascistas espanhóis também lhes entregaram, servirá para dominar todo o na guerra que estão a preparar!

Salazar, o inimigo público n.º 1, está a traír a Nação!

A Constituição que ele nos obrigou a aceitar, diz, no art.º 2.º:

«Nenhuma parcela de território nacional pode ser adquirido por governo ou entidade de direito público de país estrangeiro» e «ele entregou uma parcela de território nacional à Alemanha!»

irredutível inimigo.

Atualmente não pode separar-se a luta contra a provocação da luta contra o terrorismo. Os membros do Partido Comunista devem denunciar imediatamente ao Comité Central todos os elementos que procurem criar grupos terroristas, recusando-se sempre a ter ligações com tais indivíduos.

A luta contra a provocação constitui, na atualidade, uma tarefa de absoluta necessidade. Para isso é necessário aumentar a vigilância. É preciso impedir que entrem ou que permaneçam no Partido elementos duvidosos ou desconhecidos. Quanto aos provocadores, não pode haver hesitações. É preciso tomar contra eles as mais energéticas medidas. Só levando a cabo uma luta implacável contra a provocação, contra a espionagem, contra o rompimento das regras da conspiração, contra as traições e «traquezas», o Partido Comunista poderá continuar com êxito a luta contra o fascismo!

SEMANA INTERNACIONAL!

Neste momento, os acontecimentos da política internacional sucedem-se uns aos outros, com uma rapidez assombrosa.

Ainda não se tinha dissipado a forte emoção provocada pelos actos de pirataria dos submarinos italianos no Mediterrâneo e pela agressão japonesa contra o embaixador britânico na China, quando o mundo é alarmado por novas provocações.

A recente tentativa de torpedeamento do «destroyer» inglês «Havok» e o torpedeamento do vapor da mesma nacionalidade «Woodford», mostram claramente que o agressor fascista levou a sua audácia a ponto de provocar incidentes que podem fazer explodir dum momento para o outro a guerra em todo o mundo.

Que estes actos de pirataria são praticados por submarinos italianos ou — que é o mesmo — cedidos pela Itália a Franco e tripulados por italianos, não pode restar dúvidas a ninguém.

Os fascistas espanhóis não possumam, no começo da guerra, nem submarinos nem especialistas.

O governo espanhol, por seu turno, não tinha interesse algum em afundar barcos que transportavam víveres para o seu território nem de atacar nações que, como a Inglaterra, observam uma estrita neutralidade na guerra de Espanha.

Mas não merece a pena perderno-nos em conjecturas. O afundamento do navio «Campeador» pelo barco de guerra italiano «Saetta» aclarou suficientemente o caso. De resto a opinião pública e a imprensa da Inglaterra e da França são unânimes em atribuir à Itália a autoria destas provocações.

Este «incidente» do «Havok» e a troca de telegramas entre Mussolini e Franco, são duas questões que agitam presentemente a opinião pública mundial e que podem determinar uma orientação nova das grandes potências no problema da chamada «não intervenção».

Como se sabe, Mussolini confessou abertamente a participação da Itália na tomada de Santander: «SINTO-ME PARTICULARMENTE FELIZ» — escreveu ele a Franco — «POR TROPAS ITALIANAS TEREM DADO DURANTE DEZ DIAS DE DURA BATALHA UMA CONTRIBUIÇÃO PODEROSA PARA A EXPLÊNDIDA VITÓRIA DE SANTANDER.»

A ITALIA — disse Mussolini num outro telegrama — «ESTA ORGULHOSA DE TER COMBATIDO EM TERRA ESPANHOLA!»

A imprensa italiana não tem mesmo o menor incômodo em publicar o nome dos 12 generais que dirigiram as operações na frente de Santander.

A invasão da Espanha pela Itália é, portanto, um facto confessado sem nenhuma cerimónia pelos seus próprios autores.

Que resolverá, em presença de uma tal situação, o Conselho da S.D.N. que se reúne no próximo dia 10 em Genebra?

E' evidente que se as grandes potências que a compõem não se decidem a modificar a sua política de capitulação ante o agressor, a Paz do mundo, presa à vida por um

Da tomada de Santander à ofensiva de Aragão

A imprensa fascista berra de satisfeita com a tomada de Santander. Na realidade, a conquista de Santander pelas tropas italianas é um golpe que debilita consideravelmente a posição de Hitler no norte da Espanha. Mas, a perda de Santander, tal como a perda de Irua, de San Sebastian, de Bilbao e mesmo de todo o norte, a Gijon não pode influir duma forma decisiva nos resultados da guerra. O reaccionario jornal francês «Le Temps», cuja simpatias por Franco são bem conhecidas, confessa que enquanto os republicanos conservarem as sólidas posições que possuem em Madrid e na Catalunha a partida está longe de ser ganha pelos rebeldes.

O que acontece é que os fascistas não tendo necessidade de manter numerosas tropas na frente norte concentram todos os seus golpes na frente central e leste onde tudo indica que as vão travar combates duma importância decisiva. A brilhante actuação das tropas republicanas na frente de Aragão indica que o Exército popular está em condições não só de defender enérgicamente o território da República como de passar à ofensiva.

Com efeito, o exército popular desencadeou ultimamente na frente aragonesa uma importante ofensiva — que diga o que disser a imprensa fascista — tem sido coroada do melhor êxito.

A iniciativa das operações que se estendem numa frente superior a 250 quilómetros, tem cabido inteiramente às tropas governamentais. Os republicanos tomaram importantes posições tais como Quinto a Sudoeste de Saragoça, cercaram Belchite, cujos principais edifícios — o seminário — se encontram já em poder dos republicanos, bem como numerosas povoações circunvizinhas. Os republicanos cortaram, igualmente no sector de Almudebar a Zuera, a estrada que vai de Saragoça a Huesca e destruíram, na altura de Fuentedetodos, a linha do caminho de ferro. Desde 24 de Agosto até agora, as tropas republicanas fizeram mais de 3000 prisioneiros e apoderaram-se de bastante material de guerra.

A ofensiva de Aragão, bem como a de Brunet, que conseguiu imobilizar o projectado ataque contra Madrid, demonstra o potencial do Exército republicano, penhor da sua inevitável vitória contra os invasores. Mas isso não significa que devamos adormecer, confiantes no esforço dos nossos heróicos camaradas.

A Itália e a Alemanha vão reforçar o contingente das suas tropas em Espanha.

As dificuldades acumulam-se, portanto, ante o povo espanhol.

O povo português, cujos interesses estão em jogo na guerra que se trava em Espanha, não deve deixar passar mais um único momento sem prestar o auxílio de que carecem os seus irmãos que se batem pela Liberdade dos povos e pela Paz.

Tribuna livre

Continuado da 3ª pagina

lhor esperança e confiança! Que todos os revolucionários se unam sem perder tempo com discussões mesquinhas e extra revolucionárias, e ao nosso grande voto. Materializai estas três palavras, sagradas pelo sangue dos nossos irmãos espanhóis: «Unios Hermanos Proletários».

Façam os camaradas o uso que entenderem desta carta e recebam Saudações Fraternalis de Um Grupo de Ferroviários Anti-Fascistas

tênue fio, expira á irremissivelmente.

No meio de todo este pesado ambiente de guerra, o pacto de não agressão firmado entre a China e a URSS é um acontecimento altamente reconfortante.

Os mesmos meios que apoiam abertamente a invasão da Espanha pelo fascismo, fazem correr rios de tinta contra o pacto sino-soviético, afirmando que se trata duma aliança militar dirigida contra terceiros.

Ora, tanto a China como a URSS se dispõem a assinar um pacto semelhante com o Japão ou com qualquer outro país.

O pacto sino-soviético é um poderoso instrumento de paz, porque afasta o perigo de hostilidades e reforça a amizade entre aquelas grandes Repúblicas.

E' por isso que os fautores de guerra se sentem preocupados porque o seu interesse consistiria em isolar a China — para a conquistarem mais facilmente — e para desencadearem da China — trans formada em praça de armas do Japão — a guerra contra a União

Soviética.

A União enérgica da URSS e o seu potente Exército Vermelho constituem garantias poderosas da Paz. A êles se deve que a guerra não tenha já começado.

Mas o fascismo apremado pelas suas fortes dificuldades, sente-se louco e caminha furiosamente para a guerra. Compete, pois, aos trabalhadores de todo o mundo impedi-lo.

Fazer romper a aliança secreta que une Portugal à Alemanha e fazer cessar a intervenção em Espanha — eis a tarefa dos que em Portugal são interessados na conservação da Paz. 2-9 1937

Pequenos produtores de vinho, alertad! *continuação da 2ª pagina*

ou venha a criar.

Pequenos produtores: a experiência passada para alguma coisa nos deve servir. Aproveitemo-la para desmascarar os fins da Junta do Vinho e organizemo-nos de maneira que a exploração do vinho não continue.

Que as novas revoltas não fiquem localizadas mas que se alarguem por toda a área da «Junta»!

A grande burla das reparações alemãs

Já há bastante tempo que se falava em que o governo português pagaria o restante das indemnizações aos sinistrados da grand guerra. No entanto, nada parece justificar esses rumores; o governo continuava a não distribuir pelos portugueses vítimas dos alemães, o dinheiro que destes recebera em virtude das imposições do tratado de Versailles.

O Estado recebeu indemnizações, em mercadorias, destinadas a os sinistrados civis, na importância de 480 mil contos. O governo distribuiu material à C.P., aos bombeiros de Lisboa e até uma granja-modêlo ao ministério da Agricultura, cujo destino se desconhece. Houve artigos fornecidos que foram vendidos no estrangeiro e dos quais o governo tem continuado a receber anualmente milhares de contos de prestações.

Sabe-se que parte desse dinheiro tem sido empregado nas obras do porto de Lisboa, do porto de Leixões, no Arsenal do Alfeite.

Mas... os verdadeiros sinistrados, os pobres que tudo perderam em África e no mar (a quem foi destinado esse dinheiro?)

São milhares os processos de sinistrados organizados segundo as suas suas reclamações, mas a maior parte está ameaçada de não receber nada.

Movem-se influências e — antes que se organizasse devidamente tudo que diz respeito ao assunto, para se inscrever no orçamento a verba necessária relativa às importâncias das reparações alemãs que o governo gastou para, juntamente com o dinheiro que ainda existe, se pagar equitativamente aos sinistrados — aparece em 21 de Agosto o decreto nº 27.983 que legisla em completa discordância com os elementos existentes relativos ao assunto, o que dá uma barafunda donde resalta a protecção escandalosa a amigos que vão receber muito, em prejuizo dos pobres, dos verdadeiros sinistrados, daqueles que perderam todos os seus haveres em África e no mar!!

A Marquês de Tancos vão pagar uma grossa indemnização por prejuizos que lhe causaram na Bélgica, muito antes de Portugal entrar na guerra, e imensos pescadores que perderam os seus barquinhos, torpediados junto à costa por submarinos alemães, não recebem nada.

Mais uma burla de Salazar e da sua comandita, a favor dos grandes em prejuizo dos pequenos.

Pró camaradas de Sacavém

De listas recebidas até hoje	
Transporte	211\$00
A cargo do C.Z. Nº 5 do P.	371\$00
« » dum camarada	193\$30
Lista nº 471	190\$00
De 3 listas	96\$50
TOTAL	1.061\$80

Oferta dum camarada: 6 pares de meias

INTENSIFIQUE A VOSSA AJUDA AOS CAMARADAS DE SACAVEM